



**Sem gaiolas, só asas: Uma forma livre de ensinar e aprender.**

Renata Rappoli Granado Santos

Trabalho de Conclusão do Curso Superior de Licenciatura em Matemática,  
orientado pelo Prof. Dr. Amari Goulart

IFSP  
São Paulo  
2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

Santos, Renata Rappoli Granado.

Sem gaiolas, só asas: Uma forma livre de ensinar e aprender/ Renata Rappoli Granado Santos - São Paulo: IFSP, 2015.

42p. ;

Sem gaiolas, só asas: Uma forma livre de ensinar

- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, São Paulo, 2015.

Orientador: Amari Goulart

1. Educação. 2. Pedagogia. 3. Escola. 4. Educação Básica. 5. Ensino-aprendizagem.

I. Sem gaiolas, só asas.

---

FOLHA DE APROVAÇÃO

CONFECCIONADA PELA COORDENAÇÃO



*“Pensem nas crianças mudas, telepáticas  
Pensem nas meninas cegas, inexatas  
Pensem nas mulheres, rotas alteradas  
Pensem nas feridas como rosas cálidas  
Mas só não se esqueçam da rosa, da rosa  
Da rosa de Hiroshima, a rosa hereditária  
A rosa radioativa, estúpida inválida  
A rosa com cirrose a antirosa atômica  
Sem cor, sem perfume, sem rosa  
Sem nada.”*

*Rosa de Hiroshima – Composição: Vinícius de Moraes e Gerson Conrad*



## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todos os meus colegas, em especial: Tatiane Watanabe, Filipe Barbosa, Antonio Carlos Silva Junior, Diogo Oliveira, Thais de Matos e Tâmires, por serem a força para que eu não desistisse e por acreditarem em mim, muitas vezes mais do que eu mesma, pelo carinho e amizade.

À minha mãe, pela força, pelas broncas, e por todo o ensinamento e por toda batalha que me proporcionaram chegar até o final.

À Prof.<sup>a</sup>. Dra. Delacir Poloni, pela paciência, pelo carinho e por ter me tratado como filha em 3 dos 4 anos.

À Prof.<sup>a</sup>. Ilíria que foi a maior incentivadora para meu ingresso no curso e ao Prof. Eduardo Curvello por ter feito parte dessa mudança e do próprio curso.

Ao meu noivo por ter me incentivado e apoiado a terminar a faculdade depois de muito tempo e desânimo, e ter entendido meus momentos de desespero, assim como os momentos de estudo.

Ao meu orientador Amari, por ter aceitado o desafio de me orientar diante de todas as adversidades do momento e que o fez com muita paciência e dedicação, sendo peça importante para o fechamento desse ciclo e trabalho.





## RESUMO

Este trabalho apresenta uma discussão sobre a problemática do atual modelo de ensino, em contrapartida às opções teóricas de uma educação diferenciada, mais livre e mais flexível, voltada mais à necessidade do aluno do que a do Estado. Apresentamos um exemplo deste modelo de ensino alternativo, a fim de mostrar que é possível fazer uma reformulação no ensino atual. Apresentamos as dificuldades encontradas e mostramos que somente com uma conscientização da sociedade sobre essa forma de ensino-aprendizagem e a boa vontade dos educadores e dos demais profissionais que atuam nas escolas, podemos melhorar a educação dos nossos jovens, mas que, mesmo antes disso acontecer, a semente de um novo ciclo já está plantada e começando a germinar em nosso país.

**Palavras-chaves:** educação, educação libertária, ensino-aprendizagem, educação básica.



## ABSTRACT

This paper presents a discussion on the problems of the current teaching model, in contrast to the theoretical options for a differentiated education, freer and more flexible, geared more to the needs of the student than those of the state. We here present an example of this alternative educational model in order to show that it is possible to transform the current teaching. We also present the difficulties and show that only with an awareness of society about this form of teaching and learning and the goodwill of teachers and other professionals working in schools, we can improve the education of our young people, but even before that happens the seed of a new cycle is already planted and beginning to germinate in our country.

**Keywords:** education, libertarian education, teaching, learning, basic education.



## LISTA DE TABELAS

	<u>Pág.</u>
Tabela 01 – Exemplo de Roteiro de Matemática .....	29
Tabela 02 – Roteiro de Geografia .....	31
Tabela 03 - Divisões por tutor e por Grupo .....	35
Tabela 04 - Representação dos Horários .....	36



## SUMÁRIO

	<b><u>Pág.</u></b>
1 INTRODUÇÃO .....	17
2 PENSANDO SOBRE ISSO .....	19
3 A REALIDADE MAIS LIVRE NO BRASIL .....	25
3.1 UM POUCO DA HISTÓRIA DA EMEF DESEMBARGADOR AMORIM LIMA.....	25
3.2 UM POUCO DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO .....	27
3.3 ROTEIROS .....	29
3.4 CONHECENDO DE PERTO.....	33
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	39
REFERÊNCIAS.....	41





## 1 INTRODUÇÃO

“Há escolas que são gaiolas. Há escolas que são asas. Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo. Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são os pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado” (Rubem Alves *in* <http://amorimlima.org.br/>)

Esse texto do professor e poeta Rubem Alves, inspirou o título desse trabalho. A maioria das escolas são gaiolas, e pouquíssimas são asas. Nenhum pássaro voa dentro de uma gaiola, mas com as asas abertas no céu. E é por isso que precisamos estruturar um processo de ensino-aprendizagem mais livre e mais voltado às necessidades dos alunos, porque daremos a eles o encorajamento ao voo e não os manteremos engaiolados.

“A educação tem sempre se valido dos mecanismos de controle. Se existe uma função manifesta do ensino - a formação/informação do aluno, abrir-lhe acesso ao mundo da cultura sistematizada e formal - há também funções latentes, como a ideológica - a inserção do aluno no mundo da produção, adaptando-se ao seu lugar na máquina. A educação assume, desta maneira, sua atividade de controle social. E tal controle acontece nas ações mais insuspeitas” (GALLO,1995)

Esse controle acaba por engaiolar nossos alunos, fazendo com que a educação, aos poucos vá se perdendo no seu objetivo maior que é formar e informar o aluno pelo fato de se ater tanto ao controle e formalização da educação, como a divisão do conhecimento bem delimitados pelas disciplinas. “A palavra disciplina apresenta, porém, um duplo sentido: tanto induz à delimitação de um campo específico como à hierarquização e ao exercício do poder”(GALLO,1995).

Com a organização dos conteúdos por disciplinas, acabamos por não ter espaços para abordar assuntos que não estão diretamente ligados a nenhuma disciplina, como a experiência dos alunos e a vida cotidiana ou, se ligados, nunca encontram espaço adequado para debate dentro das aulas programadas e friamente calculadas.

“Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deca associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma necessária ‘intimidade’ entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade? A ética de classe embutida neste descaso?” (FREIRE, 1996)

Atualmente ao entrarmos em uma sala de aula considerada ideal, vemos de 20 a 40 alunos sentados em carteiras individuais, enfileirados, quietos, reproduzindo mecanicamente no caderno o que é escrito na lousa para que possam ter tempo para prestar atenção total ao que um profissional especialista em uma determinada disciplina fala a sua frente.

A verificação da aprendizagem desse conhecimento é mensurada através de provas e trabalhos, quantificados de 0 a 10. Para ser considerado aprovado é necessário ter atingido a metade da nota (5) ou um pouco mais (6 ou 7).

Para tornar a situação um pouco mais complexa, em alguns estados foi inserida a progressão continuada que, apesar de ter uma boa intenção na teoria, na prática, alunos que não atingiram as competências e habilidades mínimas são aprovados para cursarem o próximo ciclo, mesmo sem terem condições de acompanhá-lo. O que torna esse ensino, de certa forma, pouco proveitoso.

Apesar desse panorama atual, segundo Kassick e Kassick (2004), experiências educacionais em bases libertárias se desenvolveram em várias partes do mundo, inclusive no Brasil.

É dentro desta perspectiva que apresentaremos a seguir, pensamentos, estudos e sugestões para mudar e melhorar o atual processo de ensino-aprendizagem e a atual organização escolar.

## 2 PENSANDO SOBRE ISSO

“A escola é o lugar da disciplina, de seu aprendizado e de seu exercício. (...) A disposição de carteiras numa sala de aula, por outro lado, visa também à disciplinarização dos alunos e uma melhor possibilidade de controle por parte do professor, que domina geopoliticamente a classe, percebendo seu mapa geográfico e podendo armar uma estratégia/tática de aula. Todo o mapa estratégico é cuidadosamente preparado para que o poder assuma seu topos supremo (...) o habitat do professor, a cátedra, está estrategicamente colocada num plano mais elevado, para que ele possa olhar os alunos do alto, enxergando-os a todos e mantendo constante e acirrada vigilância, impedindo a ação e gerando a impotência e também para que cada aluno, ao olhar para ele, tenha que inclinar o pescoço para trás, olhando para o alto (...)” (GALLO, 1995)

O atual modelo de educação segue a seguinte estrutura: salas de aula com no mínimo 20 alunos, sentados em carteiras escolares em filas simétricas e alinhadas, quietos, recebendo e executando ordens de um professor à frente em um formato militarizado e unilateral, ou seja, com muita disciplina e silêncio e pouca abertura para expressão do aluno.

“A escola, através do saber, aperfeiçoa os meios de controle, podendo dar-se ao luxo de dispensar o recurso à força. A própria prática de ensino pedagógica-burocrática permite-o, na medida em que reduz o aluno ao papel de mero receptáculo de conhecimento, fixa uma hierarquia rígida e burocrática na qual o principal interessado encontra-se numa posição submissa e desenvolve meios para manter o aluno sob vigilância permanente (diário de classe, boletins individuais de avaliação, uso de uniformes modelos, disposição das carteiras na sala de aula, culto à obediência, à superioridade do professor etc.). A prática de ensino resume-se, então, à transmissão de um conhecimento 'superior' (no sentido de estar sob domínio professoral) e à adoção de técnicas de memorização de conteúdo. Um conhecimento, portanto, formal e selecionado à

revelia dos diretamente interessados e passível de questionamento quanto à sua própria utilidade.” (SILVA, 1999)

Há um paradoxo entre o discurso e a prática, porque o discurso afirma que a escola é uma ferramenta de transmissão de conhecimento, que o seu trabalho tem por objetivo o crescimento e desenvolvimento do aluno, entretanto a prática escolar faz com que seus alunos sejam apenas bons decoradores de conteúdo pré-definido, com forma, dia, frequência e horários, e tais elementos são estabelecidos sem a participação do aluno.

“A estrutura escolar, em nome da transmissão do conhecimento, termina por domesticar o aluno, diferenciar os bons dos maus, salientar e reforçar a imagem negativa dos rebeldes, 'problemáticos', estigmatizando uns e outros, recompensando os primeiros, punindo os segundos com a repetência e/ou a exclusão. O ensino do conteúdo torna-se em si um meio para tal.” (SILVA, 1999)

Embora o maior interessado, em teoria, seja o aluno, para ter acesso a essas informações, ele precisa se encaixar em uma série de preceitos e cumprir uma lista enorme de regras para que ocorra um aprendizado dito “efetivo e satisfatório” que é decidido por meio de um padrão preestabelecido que não leva em consideração qualquer individualidade, transformando todos esses jovens, em fase de formação, em uma massa uniforme.

“O sistema de exames é a pedra angular deste edifício. A avaliação do aluno reduz-se à aplicação da prova, tornando-se um fim em si mesma. O objetivo principal, a produção e transmissão do conhecimento, é secundarizado. Sem alternativas, o aluno submete-se ao exame, memoriza o conteúdo para tirar uma boa nota. Mas, o que prova a prova senão apenas o ridículo fato de que ao aluno sabe fazê-la? Por acaso, o exame dado nestas condições prova o saber do aluno? Na medida em que o aluno memoriza o conteúdo, a pressão do exame pressupõe que ele prove sua capacidade de decoreba.” (SILVA, 1999)

A instituição escolar, que é a responsável por promover um ambiente propício para a aprendizagem do aluno e avaliar esse processo, não demonstra muito interesse, ou melhor dizendo, não demonstra esforço para explorar novas possibilidades de ensino-aprendizagem. Além disso, ela apresenta um modelo de avaliação que tem pouca importância no mundo real porque na vida não se aplicam provas escritas .

“No fundo, o mais importante não é o aprendizado do aluno, mas que ele se enquadre aos padrões determinados pela escola e a sociedade. Também ele, o professor, é vítima de um trabalho mortificante. Com efeito, angustia-se no momento de corrigir as provas, diante da 'incapacidade' dos seus alunos em demonstrar que aprenderam a lição. O baixo aproveitamento dos alunos, traduzido em notas baixas nas provas empilhadas em sua mesa, desestimula e seu trabalho parece-lhe inútil.”  
(SILVA, 1999)

É acreditando que o processo de aprender e ensinar é muito mais do que quantificar a capacidade de se adequar a um padrão comportamental e a memorização de conteúdos, e com base na crítica ao discurso de que estamos dessa forma fazendo um favor para o aluno, e soltando as rédeas do controle por trás desse método, que a pedagogia libertária traz uma estrutura que visa preencher essas lacunas deixadas no o processo de ensino-aprendizagem.

“A autogestão pedagógica teria o mérito de devolver [...] um sentido de existência, qual seja: a definição de um aprendizado fundado numa motivação participativa e não no decorar determinados “clichês”, repetidos semestralmente nas provas que nada provam, nos exames que nada examina, mesmo porque o aluno sai [...] com a sensação de estar mais velho, com um dado a mais: o diploma acreditativo que em si perde valor na medida em que perde sua raridade.”  
(TRAGTENBERG, 1990)

Diferentemente do que pensam muitas pessoas, a pedagogia libertária não é a falta de uma organização escolar, e sim uma falta de “cabresto” escolar e engessamento do conhecimento a se adquirir.

“Um dos seus princípios centrais é a rejeição de toda e qualquer forma de autoritarismo. Neste aspecto, a pedagogia

libertária oscila entre a não-diretividade e a aceitação de processos educacionais diretivos, isto é, em que se manifeste formas de autoridade não-autoritárias.”(SILVA, 2004)

A experiência pedagógica libertária não é uma fórmula nem uma receita pronta e milagrosa para a educação, portanto pode e deve levar em consideração as necessidades das comunidades onde estão inseridas, mas aqueles que desejam vivenciar essa experiência, podem se nortear por alguns pontos, que separadamente podem não ser exclusivos da pedagogia libertária, mas juntos dão um direcionamento para essa vertente mais livre da educação. Vejamos<sup>1</sup>:

\* LIBERDADE: Entendida como meio e fim, a liberdade é intrínseca à prática libertária. Não se trata da liberdade em abstrato ou no sentido liberal, mas da Liberdade construída socialmente e conquistada nas lutas sociais.

\* ANTIAUTORITARISMO: Essencial à prática pedagógica libertária. A ideia chave subjacente a este conceito é que não é possível combater o autoritarismo e a opressão presentes no Estado, família, escola, etc., sem que, concomitantemente, se formem homens livres; e, não se formam homens livres através de métodos autoritários e de controle.

\* EDUCAÇÃO INTEGRAL: Os educadores libertários não recusam a ciência e o saber especializado, mas advogam que, antes, o processo educativo se concentre na formação plena (dimensões física, intelectual e moral), que não separe o saber do saber fazer, isto é, que não se fundamente na divisão entre ação e pensamento (trabalho braçal e intelectual).

\* AUTOGESTÃO: A Pedagogia Libertária enfatiza que os recursos no processo educacional devem ser controlados e administrados pelos diretamente envolvidos e pela comunidade. Isto significa superar a dicotomia Estado/Sociedade e colocar a educação sob controle da sociedade/comunidade.

\* AUTONOMIA DO INDIVÍDUO: O processo educativo pedagógico centra-se no educando, com pleno respeito aos estágios do seu desenvolvimento e o estímulo para que ele tome o próprio destino em suas mãos. O educando não é tratado como objeto (meio), mas enquanto sujeito e fim em si mesmo.

---

<sup>1</sup> Definições retiradas do artigo Pedagogia Libertária e Pedagogia Crítica de Antonio Ozai da Silva, publicado na Revista Espaço Acadêmico nº 42 – Novembro/2004.

\* EXEMPLO: A educação libertária pressupõe a busca da coerência entre o falar e o fazer (discurso e ação): os exemplos educam e falam mais do que as palavras; portanto, o educador deve estar sempre aberto a aprender, a se educar, a reconhecer os erros e dar o bom exemplo, a ser coerente em relação aos meios e fins, a teoria e prática; trata-se de, para além de assumir o pensamento anarquista, ter atitude, uma ética e um modo de ser anarquistas.

\* CRÍTICA: O educador libertário é um educador crítico: dos conteúdos, dos programas e instituições oficiais, da sociedade e todas as esferas de reprodução de formas de opressão e, inclusive, de si mesmo.

\* COMPROMISSO E RESPONSABILIDADE SOCIAL: A Pedagogia Libertária é profundamente engajada, no sentido da crítica às estruturas de dominação e da formação de homens e mulheres capazes de atuarem como críticos e sujeitos ativos pela transformação das suas vidas e do meio social. Nesta perspectiva, não há lugar para a neutralidade da educação e do educador. Uma consequência lógica dessa maneira de conceber o processo educativo é o compromisso com os oprimidos, os deserdados.

\* SOLIDARIEDADE: Uma educação fundada em critérios solidários, de ajuda mútua, que recusa tanto os prêmios quanto os castigos e, portanto, os processos classificatórios (exames, notas, etc.) e as relações de ensino-aprendizagem fundadas em critérios competitivos.

Alguns tópicos acima, quando não levados em consideração no momento educativo, podem acabar fazendo da educação uma gaiola, perdendo assim o incentivo e auxílio para o desenvolvimento de todo o potencial educativo do aluno. “Chegamos à conclusão de que a maioria dos homens tem seu direito de aprender cortado pela obrigação de frequentar a escola” (ILLICH, 1985). A consciência desse impasse criou e cria esses novos pensamentos e nos faz questionar o motivo da educação continuar como está.

“A atual procura de novas saídas educacionais deve virar procura de seu inverso institucional: a teia educacional que aumenta a oportunidade de cada um de transformar todo instante de sua vida num instante de aprendizado, de participação, de cuidado.” (ILLICH, 1985)





### **3 A REALIDADE MAIS LIVRE NO BRASIL**

Há algumas mudas dessa semente da educação livre pelo Brasil, uma delas é a EMEF Desembargador Amorim Lima que fica localizado no bairro da Vila Indiana, em São Paulo.

#### **3.1 UM POUCO DA HISTÓRIA DA EMEF DESEMBARGADOR AMORIM LIMA**

“Amorim Lima – uma escola que nasceu para ser asa”

“Foi a partir de 1996, com a chegada de Ana Elisa Siqueira, atual diretora, que a escola passou a viver suas transformações mais profundas. Preocupada com a alta evasão – e ciente do triste fim que vinham a ter os alunos evadidos visto que, para muitos, era a escola o único vínculo social concreto – o primeiro esforço da nova diretoria foi no sentido de manter os alunos na escola, durante o maior tempo possível. Nesta época, derrubaram-se os alambrados que cerceavam a circulação no pátio, num voto de respeito e confiança. A escola passou a ser aberta nos fins de semana, melhoraram-se os espaços tornando-os agradáveis e voltados à convivência. Enfim, a escola foi aberta à comunidade.” (FERREIRA, 2011a)

A preocupação não foi somente disponibilizar vagas para que os alunos estudem, mas fazê-los querer estar na escola, não por medo ou obrigação mas sim, por vontade própria. Isso vem da consciência e da constatação de que as crianças e os adolescentes que não frequentam a escola têm muito mais chances de terem finais ruins.

“Alunos de séries mais avançadas começaram a frequentar e viver a escola fora de seus horários de aula, como monitores em atividades várias. Com apoio e o engajamento crescente dos pais e mães de alunos e da comunidade, a escola passou a oferecer atividades extracurriculares. Instalaram-se Oficinas de Cultura Brasileira, de Capoeira, de Educação Ambiental, de Teatro. A maior participação dos pais e mães passou a se refletir na organização das festas, [...] na criação do Grupo de Teatro de Mães, no trabalho voluntário.” (FERREIRA, 2011a)

Mais do que trazer os alunos para a escola, verificou-se a importância de que os pais e de toda a comunidade também deveriam fazer parte da escola, ajudando, trabalhando em conjunto e incentivando o aprendizado, com o objetivo de transformar a aprendizagem em algo prazeroso e familiar, unindo toda a comunidade em prol da transformação das crianças e dos jovens em cidadãos, não só pelo estudo dos conteúdos programáticos, mas também, pelas diversas outras atividades extracurriculares que estão inseridas nesse projeto.

Tendo por objetivo melhorar a experiência escolar para seus alunos, surgiu a referência da Escola da Ponte.

“[...] de imediato é percebida a grande semelhança entre os valores que os animavam e aqueles que o vídeo sobre o cotidiano na Escola da Ponte faziam transparecer. É vislumbrada como possível a adequação da prática aos valores propostos no Projeto Político Pedagógico da escola.”  
(FERREIRA, 2011a)

Seguindo o projeto Fazer a Ponte, foi formulado e apresentado uma proposta de implantação desse projeto na Amorim Lima.

### 3.2 UM POUCO DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO

“No Amorim, cada aluno tem um educador tutor. Esse educador é responsável pela avaliação do progresso do estudante. Normalmente, cada professor da escola é responsável por cerca de 20 alunos por período. E, uma vez por semana, o tutor tem um encontro de cinco horas com seus tutorandos. Nos demais dias, se o tutorando tiver problemas, pode procurar o seu tutor. E, de maneira geral, eles também se encontram no ‘Salão’.” (FERREIRA, 2011b)

Sem a necessidade de estar com 40, 50 alunos sob seu comando, determina-se um número menor de alunos, com uma orientação semanal individual, coisa que não acontece na maioria das escolas, de forma que os alunos tenham maior liberdade de decisão do tempo dedicado ao estudo e de cada tópico a ser estudado, otimizando a absorção de conhecimento e desenvolvendo uma maior independência no aprendizado, fazendo com que ele só procure o tutor para dúvidas e complementação do conhecimento adquirido.

“Cada aluno recebe ao longo do ano apostilas com roteiros de pesquisa. Cada roteiro tem cerca de 18 objetivos, ou seja, perguntas ou tarefas que devem ser respondidas ou desenvolvidas pelo estudante. [...] os roteiros e seus objetivos são desenvolvidos a partir dos livros didáticos recebidos pelo estudante, e as perguntas que o estudante deve responder exigem que eles pesquisem em vários livros ao mesmo tempo (de português, de ciências, de geografia, de história...)” (FERREIRA, 2011b)

Apesar de ter uma forma mais autônoma de aprendizagem, o aluno recebe orientações para que ele saiba o que precisa fazer no decorrer do ano, e se organize para que possa passar a um novo nível de conhecimento. Como o ensino ainda é determinado e avaliado por órgãos que não adotam esse tipo de educação mais livre, não há como ser totalmente voltado à pedagogia libertária, por enquanto. Ainda há alguns conceitos que devem permanecer para que as recomendações sejam atendidas e para que a escola continue tendo seu direito de funcionar.

“Dois grandes grupos de salas de aula tiveram suas paredes literalmente derrubadas. Assim, criaram-se dois grandes

salões. Em um “Salão” ficam os alunos do Ciclo I e no outro os alunos do Ciclo II. Esses alunos sentam-se em mesas de quatro lugares para realizarem as suas pesquisas em grupo e responderem, individualmente, seus objetivos (dos roteiros). Não há aulas expositivas (a não ser as aulas de matemática, inglês e de oficina de texto). Os professores – cerca de cinco ou seis – circulam pelo salão para ajudar os alunos em suas dúvidas e explicar alguns conceitos se isso se fizer necessários. É importante saber que não necessariamente os alunos sentados juntos em uma mesa estão desenvolvendo as pesquisas de um mesmo roteiro. Isso acontece porque cada aluno decide a ordem em que quer fazer os roteiros. Assim, um estudante pode ter escolhido começar pelo roteiro Biografia e o outro colega de mesa pode ter escolhido começar o ano pelo roteiro Corpo Humano, por exemplo.” (FERREIRA, 2011b)

A não obrigação do padrão de carteiras em linha, em uma sala justa com alunos estudando a mesma coisa, com a exposição de um professor, faz com que haja mais liberdade do aluno fazer no seu tempo, da sua forma, inclusive na presença de outras crianças e jovens de outras idades ou que estudam outros temas, o que faz com que tenham outras experiências com diferentes níveis de conhecimento e podem trazer curiosidades de forma mais natural.

“Quando acaba de preencher o seu roteiro, o aluno escreve um portfólio, com tudo que aprendeu com aquele roteiro e entrega para o tutor, que avalia se ele pode receber a apostila seguinte, com os demais roteiros. Não há provas. O progresso do conhecimento é avaliado pela qualidade dos portfólios e pela participação do aluno na escola.” (FERREIRA, 2011b)


Além das atividades dadas em seu roteiro, é dado ao aluno a capacidade de expressar o que aprendeu de forma mais livre através do portfólio e só passa para o próximo conjunto de temas, após ter uma compreensão satisfatória do atual, de forma que os conteúdos não se acumulam fazendo com que ele precise estudar muitas coisas ao mesmo tempo sem absorver ou se focar.

### 3.3 ROTEIROS

“Os roteiros, elaborados pela equipe pedagógica do Amorim Lima, levam em conta todo o conteúdo recomendado pelo MEC que as crianças deverão aprender durante o seu ano letivo. Eles são feitos a partir dos livros distribuídos pela rede pública, mas não têm divisão por matérias – e sim por temas. Assim, um mesmo roteiro pode exigir que a criança busque respostas no livro de português, geografia e história, por exemplo.” (CARINI, 2013)

Abaixo temos um exemplo de um roteiro de matemática, que trabalha a parte de pesquisa, história da matemática, aplicação no dia-a-dia além, é claro, da matemática em si. O aluno, enquanto aprende matemática, desenvolve diversas outras habilidades (construir o ábaco, pesquisar, etc.) e faz conexões com o mundo real, tanto passado (história) como presente/futuro (aplicações).

Tabela 01. Exemplo de Roteiro de Matemática

ROTEIRO DE PESQUISA: NÚMEROS			
ESTUDANTE: _____		GRUPO: _____	
 <small>ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL</small>			
<b>Objetivo Geral:</b> Ampliar o conhecimento sobre o Sistema Decimal e aplicá-lo.			
OBJETIVOS	ATIVIDADES	FONTE DE PESQUISA	AVALIAÇÃO DO EDUCADOR
1-Identificar a utilização dos números no dia-a-dia.	Pesquise profissões que utilizem os números de diferentes maneiras e registre suas descobertas no caderno;	Revistas, jornais, enciclopédias, etc.	
	Monte um cartaz apresentando a função dos números em diferentes situações e coloque no mural do salão.		
2-Relembrar a história dos números.	Ler o texto “Sistema de numeração decimal” e responder as questões.	Mat 5 P. 5.	
	Representar quantidades utilizando os números egípcios e romanos	Mat 5 P. 22 a 25.	
3-Trabalhar com o sistema decimal.	Construir um ábaco utilizando as instruções disponíveis na mapoteca do salão;	Material de pesquisa da mapoteca.	
	Ensinar um colega do seu grupo a fazer cálculos com o ábaco que você construiu;		
	Construir quadro numérico a partir de 1000, pulando de 10 em 10; Dica: O quadro deverá ter fileiras com 10 quadradinhos e colunas com 10 quadradinhos.		
4-Utilizar a reta numérica para fazer arredondamentos e solucionar problemas.	Fazer todos os exercícios;	Mat 5, P. 10, 11, 13 e 14.	
	Construir uma reta numérica;		
5-Portfólio	Fazer os exercícios com a reta numérica;	Mat 5 P. 19 e 20.	
	Responder a seguinte questão no seu caderno: <ul style="list-style-type: none"> <li>O que chama mais a sua atenção ao fazer contas usando a reta numérica?</li> </ul>		
	Construa um texto explicando a importância do sistema decimal para as pessoas; retome as anotações da pesquisa que você realizou sobre como as pessoas utilizam os números nas profissões e registre o que achou mais importante.		

Esse roteiro, apesar de utilizar uma forma mais ampla de aprender matemática, ainda é focado na disciplina, mas há também os roteiros que realmente se costuram através de mais disciplinas fazendo com que o aluno aprenda os conteúdos que são intrínsecos sem que haja uma separação de cronograma e mesmo de aula para isso.


No caso do roteiro abaixo, temos conteúdos de geografia sendo trabalhado juntamente com tópicos de matemática e português. Dessa forma, o aluno aprende aplicando e não precisa resgatar um conhecimento desenvolvido de forma descontextualizada para que consiga desenvolver a atividade, como no caso dos conceitos matemáticos, que normalmente são ensinados separadamente de sua aplicação, informando somente o procedimento para realizar tal processo, para em outro momento, às vezes distante, ser aplicado, por exemplo, na geografia. Por outro lado, vemos desenvolvidas as habilidades de definição, utilização do dicionário e busca por significados que geralmente são trabalhados nas aulas de português em atividades exclusivas para esse fim. Tal forma de trabalho em sala de aula, pode tornar a atividade desinteressante, diferentemente do que ocorre quando ela é realizada nesse tipo de atividade.

No final, aparece uma tabela onde é feito uma espécie de resumo de tópicos importantes com suas definições, cálculos e exemplos para fixar os conhecimentos e que servem para o tutor como uma forma de identificar quaisquer tipos de confusão ou dúvidas que o tutorando possa apresentar.

Vemos que apesar da interdisciplinaridade encontrada neste roteiro, temos atividades mais parecidas com o que estamos acostumados a ver nas tarefas de todas as escolas. A necessidade de se adequar às recomendações do MEC, aos conteúdos determinados que devem ser obrigatoriamente trabalhados entre outros percalços que o projeto ainda enfrenta, vemos que não temos um modelo ideal e totalmente libertário, e sim uma experiência mais livre que está aos poucos trabalhando sua liberdade adaptada ao que é

permitido pelas regras que regem o ensino no Brasil. É um primeiro passo para essa mudança, essa melhoria na forma de ensino aprendizagem, mesmo que em muitos aspectos haja muito o que melhorar ainda, mas é o que temos que mais próximo da realidade desejada.

Tabela 02. Roteiro de Geografia

ROTEIRO DE PESQUISA: <b>DEMOGRAFIA</b>			
ESTUDANTE: _____ GRUPO: _____		 ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL	
Início roteiro: ___/___/___		Término roteiro: ___/___/___	
<b>OBJETIVO GERAL:</b> Compreender a estrutura populacional brasileira através de conceitos geográficos e indicadores matemáticos.			
OBJETIVOS	ATIVIDADES	FONTES DE PESQUISA	AVALIAÇÃO DO EDUCADOR
1. Definir a palavra <i>demografia</i> .	<ul style="list-style-type: none"> <li>Procurar no dicionário o significado da palavra demografia e escrever no caderno o que compreendeu.</li> </ul>	Dicionário da Língua Portuguesa.	
2. Conhecer a importância do recenseamento.	<ul style="list-style-type: none"> <li>Ler o texto "A idade da estatística", p. 25.</li> <li>Ler o texto "Quantos somos e onde vivemos", p. 37</li> <li>Responder: Qual foi o primeiro censo da história?</li> <li>Responder as questões 1 a 4, p. 37.</li> </ul>	Mat 7 Geo 7  Geo 7	
3. Diferenciar país populoso e país povoado.	<ul style="list-style-type: none"> <li>Ler o texto "Um país populoso, mas pouco povoado", p. 38;</li> <li>Registrar no caderno o que compreendeu da leitura;</li> <li>Responder questão 3 (a) p. 46 e "De olho no mapa e no quadro", p. 38 (a e b).</li> </ul>	Geo 7	
4. Compreender o que é densidade demográfica.	<ul style="list-style-type: none"> <li>Ler o texto "Densidade demográfica ou população relativa", p. 38;</li> <li>Ler p. 245;</li> <li>Responder questões 1 e 4 p. 245 e 1, 2 e 3 p. 246.</li> </ul>	Geo 7  Mat 7  Mat 7	
5. Entender a distribuição da população brasileira.	<ul style="list-style-type: none"> <li>Ler o texto "A distribuição da população" p. 39;</li> <li>Ler o texto "Gráficos I: barras e círculos proporcionais", p. 58 e 59;</li> <li>Responder questão 3 (d) p. 46;</li> <li>Responder as questões 1 e 2, p. 59.</li> </ul>	Geo 7	
6. Saber o que é média aritmética e média ponderada.	<ul style="list-style-type: none"> <li>Ler o texto "Média aritmética e média aritmética ponderada", p. 109 e 110;</li> <li>Responder exercícios 3, 5 e 6, p. 110.</li> </ul>	Mat 7	
7. Descobrir a origem e o significado da porcentagem.	<ul style="list-style-type: none"> <li>Ler o texto "Porcentagem", p. 293 a 295;</li> <li>Responder exercícios 1 e 2, p. 296.</li> </ul>	Mat 7	
8. Conhecer o crescimento da população brasileira a partir dos indicadores/taxas: fecundidade, natalidade, mortalidade, expectativa de vida e crescimento natural.	<ul style="list-style-type: none"> <li>Ler o texto "O crescimento da população" p. 40;</li> <li>Completar quadro síntese sobre as taxas;</li> <li>Responder questão 4, p. 46.</li> </ul>	Geo 7  Quadro anexo 1 Geo 7	
9. Ler e interpretar pirâmides etárias do Brasil.	<ul style="list-style-type: none"> <li>Ler o texto "A pirâmide etária brasileira", p. 41;</li> <li>Responder questão 5, p. 46.</li> </ul>	Geo 7	

10. Saber o que é PEA e como é a distribuição de renda, o desemprego, a economia informal e o trabalho infantil no Brasil.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ler o texto "A população e o trabalho no Brasil", p. 52 a 55;</li> <li>• Responder questões 7 e 8, p. 57.</li> </ul>	Geo 7	
11. Compreender os conceitos de migração e os principais movimentos migratórios.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ler o texto "Os movimentos migratórios", p. 48 a 51;</li> <li>• Responder as questões 1 a 6, p. 56.</li> </ul>	Geo 7	

## ANEXO 1

Nome do indicador /taxa	Significado / utilidade	Como este indicador é calculado	Exemplos
fecundidade			
natalidade			
mortalidade			
expectativa de vida			
crescimento natural			



### 3.4 CONHECENDO DE PERTO

No dia 29 de julho de 2015, tendo recomeçado as aulas, foi feita uma visita a fim de conhecer melhor as instalações e todo esse projeto de perto na expectativa de validar as informações obtidas através do site. A ideia do trabalho não é acompanhar o trabalho feito pela escola e nem aprofundar as informações sobre detalhes, mas sim oferecer um panorama de como funciona e apontar as principais diferenças pertinentes à proposta de melhoria do ensino básico brasileiro. Bem recebida logo na entrada, fui encaminhada à secretaria. De início, percebe-se uma liberdade maior na movimentação dos alunos pelos corredores, com mais atenção, nota-se que são eles que vêm pedir notebooks, chaves, etc. para que a aula possa acontecer e são tratados com confiança e como indivíduos responsáveis. Após algum tempo aguardando a chegada da diretora Ana Elisa Siqueira, percebi alguns avisos pelas paredes que me chamaram atenção. A Biblioteca, bem organizada e com um acervo considerável, estava fechada. Ao que pude ver um cartaz na porta informando que seu funcionamento é voluntário e explicando que caso esteja fechada, que haja compreensão porque alguém teve algum imprevisto e não pôde estar ali, mas que volte em outro momento no qual alguém estará DOANDO seu tempo para essa tarefa. Muito interessante escolha de palavras que faz o aluno entender realmente como funciona e não achar ruim o fato de não conseguir utilizar a biblioteca em um determinado horário/dia.

Ao ser recebida pela diretora fomos à sua sala para uma breve conversa sobre o motivo de minha visita. Durante a conversa, pude perceber que há dois grandes obstáculos a serem superados para o sucesso do projeto: os professores e a sociedade.

Em relação aos professores, porque os mesmos foram formados dentro de uma ideologia e uma estrutura diferente daquela proposta pela escola e, portanto, muitas vezes não compreendem a essência do projeto ou não sabem lidar com ela, tendendo a procurar ações “tradicionais” diante de dificuldades

encontradas na realização das atividades propostas pela escola mesmo que concordem ou acreditem no projeto na teoria. Em relação a sociedade porque a ideologia de liberdade acaba contrastando com os excessos da vida fora da escola, por exemplo, foi testado colocar os notebooks no salão para que todos os alunos tivessem acesso a qualquer momento, porém alguns foram levados para fora da escola e não foram devolvidos, tal fato fez com que essa liberdade tivesse que ser remanejada. Atualmente, para a retirada dos aparelhos é necessário a assinatura de um professor responsável, garantindo assim, a devolução do equipamento. Outra dificuldade com relação à comunidade é a aceitação dos pais em relação à falta de lições de casa específicas, provas e novas, os pais ainda têm uma resistência em entender/aceitar uma proposta de ensino que não tenha como característica principal o controle, seja de atividades, prazos ou comportamento.

Para conhecer as dependências da escola, foram chamadas duas alunas da escola para me apresentar, tais alunas não estavam em nenhuma atividade naquele momento. Muito empolgadas, elas foram me explicando cada espaço, contando histórias que se passavam por lá, etc. Mostraram-me os salões onde se reúnem os ciclos (há um salão para o ciclo I e um salão para o ciclo II), as quadras poliesportivas (coberta e descoberta) onde são realizadas várias atividades tanto esportivas como para ensaios e apresentações, a Oca (ou Opy) casa indígena Guarani, feita de taipa e cobertura de sapê onde ocorrem atividades voltadas ao resgate da nossa cultura, a Tenda, onde acontecem rodas de conversa, leituras, danças, etc., o *playground* com brinquedos rústicos de madeira, espaço com horta cuidada pelos tutores e alunos, a rampa de skate, árvores frutíferas, plantas, sala vazada (uma sala com parede vazada para a área aberta da escola, muito descontraída e colorida), salas de vídeo, artes, laboratório de ciências, sala de informática, leitura, cantina, pátio. Nas escadas haviam placas feitas à mão pelas próprias crianças, indicando qual das escadas era a de subida e qual era a de descida. Caso algum aluno burle essa regra, a bronca vem dos próprios alunos. Não há inspetores nos

corredores, nem nenhuma forma de vigilância, fazendo com que as crianças desenvolvam uma das características determinadas pela pedagogia libertária: a autonomia do indivíduo.

Todas as salas contêm mesas com 4 cadeiras, formando pequenos grupos. As únicas fileiras de carteiras aparecem na sala de vídeo, para que todos possam ver corretamente. Em cada salão há na parede fixadas as tabelas com todas as orientações sobre grupo, aulas e horários para que os alunos possam saber e se direcionar para as atividades sozinhos.

Há uma primeira tabela com a divisão por tutor e por grupo (de A a E) caso algum aluno esqueça seu grupo ou seu tutor ou caso algum tutor queira alguma informação rápida sobre isso. Segue abaixo um modelo (A tabela original não será inserida no trabalho para preservar a privacidade dos tutores e alunos).

Tabela 03. Divisões por tutor e por grupo

	A	B	C	D	E
Tutor 1	Aluno 1 Aluno 2		Aluno 3	Aluno 4 Aluno 5 Aluno 6	Aluno 7 Aluno 8
Tutor 2	Aluno 9 Aluno 10 Aluno 11 Aluno 12	Aluno 13 Aluno 14 Aluno 15	Aluno 16	Aluno 17 Aluno 18	Aluno 19 Aluno 20

Os grupos não levam em consideração a tutoria ou o ano escolar dos alunos, dessa forma, há uma diversificação de tipos de aprendizagem, de maturidade de ideias e personalidades que trabalham juntas em momentos diferentes, assim estimula-se o contato com maior número de crianças, ampliando-se o círculo de amizade, a troca de ideias, etc. Agregando assim muito à educação dos alunos.

Há ao lado, uma segunda tabela com os horários, aulas, locais e professores de cada grupo. Abaixo segue uma representação do horário fixado no momento da visita no salão 1 que é onde se reúnem os alunos do ciclo I, que corresponde ao Ensino Fundamental I (os horários e aulas são reais, só foi reproduzido em nova tabela para garantir a privacidade dos nomes dos tutores presentes no original).

Tabela 04. Representação dos horários

<b>ROTINA SEMANAL/2015 - SALÃO INTERMEDIÁRIO (ATUALIZADO DIA 23/07/2015)</b>						
HORÁRIOS	GRUPOS	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
7-8H	A	PESQUISA/SALÃO	TUTORIA SALÃO I SALA 12 S. INFORMÁTICA SALA VAZADA	COMSCIÊNCIA FUNDAMENTALIS/S. INFORMÁTICA	ED FÍSICA/QUADRA COBERTA	PESQUISA/SALA VAZADA
	B	PESQUISAS/S.12		PESQUISA/SALÃO	PESQUISA/SALÃO	LEITURA E ESCRITA/SALÃO E S. 12
	C	ARTES/ATELIÊ		PESQUISA/SALA VAZADA	BRINCADEIRA/ TENDA	LEITURA E ESCRITA/SALÃO E S. 12
	D	PESQUISA/SALÃO		PESQUISA/SALA 12	PESQUISA/SALÃO	MÚSICA/ÁTRIO
	E	LEITURA/BIBLIOTECA		PESQUISA/SALÃO	PESQUISA/SALÃO	ARTES/ATELIÊ
8-9H	A	ARTES/ATELIÊ		LEITURA/BIBLIOTECA	LEITURA E ESCRITA/SALÃO /SALA DE ALFABETIZAÇÃO	MATEMÁTICA/SALÃO
	B	MATEMÁTICA/SALÃO E SALA VAZADA		PESQUISA/SALA 12	MÚSICA/ÁTRIO	ARTES/ATELIÊ
	C	MATEMÁTICA/SALÃO E SALA VAZADA		PESQUISA/SALÃO	ED FÍSICA/QUADRA COBERTA	MÚSICA/ÁTRIO
	D	INGLÊS/SALA 12		ED.FÍSICA/QUADRA COBERTA	LEITURA E ESCRITA/SALÃO /SALA DE ALFABETIZAÇÃO	MATEMÁTICA/SALÃO
	E	MATEMÁTICA/SALÃO E SALA VAZADA		PESQUISA/SALA VAZADA	LEITURA E ESCRITA/SALÃO/ SALA DE ALFABETIZAÇÃO	PESQUISA/S. 12
9-10H	A	INGLÊS/SALA 12		LEITURA E ESCRITA/SALÃO E SALA 12	MÚSICA/SALA VAZADA	MATEMÁTICA/SALÃO
	B	MATEMÁTICA/SALÃO E SALA VAZADA		LEITURA/BIBLIOTECA	LEITURA E ESCRITA/SALÃO	PESQUISA/SALA 12 (3º E 5º) LATIM (4º) SALA VAZADA
	C	MATEMÁTICA/SALÃO E SALA VAZADA		INGLÊS/SALA VAZADA	LEITURA E ESCRITA/SALÃO	PESQUISA/SALA 12 (3º E 5º) LATIM (4º) SALA VAZADA
	D	ARTES/ATELIÊ		LEITURA E ESCRITA/SALÃO E SALA 12	BRINCADEIRA/ TENDA	MATEMÁTICA/SALÃO
	E	MATEMÁTICA/SALÃO E SALA VAZADA		LEITURA E ESCRITA/SALÃO	ED FÍSICA/QUADRA COBERTA	MÚSICA/ÁTRIO
10-10H30	RECREIO					
10H30-11H RODAS	A	SALÃO		PÁTIO	TENDA	SALÃO
	B	TENDA		SALÃO	QUADRA	ÁTRIO
	C	SALÃO		SALÃO	ÁTRIO	TENDA
	D	PÁTIO		DEQUE	SALÃO	PÁTIO
	E	ÁTRIO		TENDA	SALÃO	SALÃO
11-12H	A	PESQUISA SALÃO		PESQUISA/SALÃO	BRINCADEIRA/TENDA	PESQUISA SALÃO (3º E 5º) LATIM (4º) SALA VAZADA
	B	BRINCADEIRA/TENDA		INGLÊS/SALA 12	ED FÍSICA/ QUADRA COBERTA	COMSCIÊNCIA FUNDAMENTALIS/SALA 12
	C	PESQUISA/SALÃO		COMSCIÊNCIA FUNDAMENTALIS/SALÃO	PESQUISA/ SALA VAZADA	LEITURA/BIBLIOTECA
	D	COMSCIÊNCIA FUNDAMENTALIS/LABOR ATÓRIO		LEITURA	PESQUISA/SALÃO	PESQUISA SALÃO (3º E 5º) LATIM (4º) SALA VAZADA
	E	INGLÊS/SALA 12		BRINCADEIRA/TENDA	COMSCIÊNCIA FUNDAMENTALIS/ATELIÊ	PESQUISA SALÃO (3º E 5º) LATIM (4º) SALA VAZADA

Podemos notar a falta de aulas comuns como nas outras escolas como Português, História, Geografia, Ciências, justamente porque a intenção da escola é que o conhecimento seja buscado nos livros e computadores nos momentos descritos como “Pesquisa” de forma autônoma pelos alunos (mesmo que haja sempre um responsável por aquele momento, para auxiliar caso necessário).

A única disciplina que vemos exatamente com o mesmo nome é Matemática, que ainda é um momento mais complexo na aprendizagem da maior parte dos alunos e requer um cuidado mais de perto. Mas as aulas não são as aulas clássicas expositivas ao qual estamos acostumados, elas são mais dinâmicas e tem como objetivo apenas preencher lacunas dos alunos. Assim como trabalham as aulas de leitura, inglês e leitura e escrita por exemplo.

Há muitas aulas que trabalham a criatividade, o raciocínio, o lado artístico e a interação pessoal entre os alunos como brincadeiras, educação física (que visa ensinar as regras e dinâmica dos esportes e trabalham um esporte por bimestre), artes e música. É uma maneira mais humanizada de trabalhar com os cidadãos em desenvolvimento.

Há também aulas “livres” (representadas no horário apenas com o local do encontro – e responsáveis no original) onde são desenvolvidos os trabalhos a longo prazo como apresentações ou alguma atividade de interesse dos alunos, professores e/ou da direção.

Além das aulas, momentos de pesquisa e da tutoria, há também reforço no período da tarde, que não é obrigatório o reforço é oferecido em algumas datas e o aluno comparece quando e quanto achar necessário.

Conversando com as duas alunas que nos apresentaram a escola, soube que uma delas sempre estudou na Amorim Lima, desde que saiu da creche, e a outra, transferiu-se há poucos anos atrás. Perguntei então o que cada uma

achava da escola, e apesar de melhores amigas, a resposta foi diferente. A que sempre estudou na Amorim Lima, não se empolga tanto com a escola, mas também não tem uma opinião sobre a ideia de mudar de escola, pois não sabe como funciona as demais. A que veio de outra escola, adora a Amorim Lima e não quer nem pensar na possibilidade de mudar-se para outra escola.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inspirando-nos em Rubem Alves e a sua fala sobre gaiolas e asas e nos questionamentos sobre a relevância da Educação básica, encontramos uma série de problemas em uma educação que visa à preparação para os vestibulares e as carreiras universitárias, porém não visa o cotidiano e a vida real. Também entendemos que a forma de avaliar esses conteúdos talvez não seja a mais eficiente, pois é muito quantitativa e pouco qualitativa, ou seja, foca-se mais em quantificar os exercícios certos de uma avaliação escrita do que avaliar o desenvolvimento, crescimento e formação de conhecimento do aluno no período.

Atualmente, um dos objetivos da Educação Básica, é o desenvolvimento do domínio da leitura, da escrita e dos cálculos, desenvolvendo no aluno a capacidade de aprender, de compreender o ambiente e a sociedade em que vive, dar base para a formação de valores, atitudes e tolerância social do aluno (art. 32, LDB), porém a maneira como a escola conduz a sua prática faz com que o aluno não consiga atingir esses objetivos, em suma, a sua maneira de atuar acaba se tornando uma armadilha para que seja atingido o seu próprio objetivo, fazendo com que os alunos sejam cada vez menos incentivados a pensar e criar seus próprios conhecimentos, transformando-os em uma massa única e igual por serem tratados como tal ao ser utilizado uma única forma de ensinar para todos de uma mesma idade sem levar em consideração as particularidades de cada ser.

Entretanto, há uma forma diferente de ensino aprendizagem que pode tornar a escola mais proveitosa e a formação mais efetiva e completa que se baseia nos seguintes pilares: a autogestão - transportando o controle pelos recursos educacionais do Estado/Sociedade para a Sociedade/Comunidade; Autonomia do indivíduo - que dá a liberdade para que cada indivíduo desenvolva o seu conhecimento, respeitando seus estágios cognitivos; Crítica - para que não haja estagnação nos processos, sempre tendo renovações e inovações se for

trazer melhorias no ensino-aprendizagem; Compromisso e Responsabilidade Social - a partir do momento que a comunidade faz parte da escola, a escola é participante ativa no meio social, trabalhando na formação de homens e mulheres críticos e ativos e Solidariedade - dando espaço ao trabalho de ajuda mútua entre os envolvidos, que buscam a melhor forma de sanar suas dúvidas ou formar seu conhecimento através da comunicação recusando assim parâmetros classificatórios e critérios competitivos, estimulando a colaboração entre os indivíduos.

A EMEF Amorim Lima tem as raízes de seu projeto fundadas nesses preceitos, sempre buscando desenvolver o projeto e a pedagogia libertária da melhor maneira possível e vem apresentando resultados satisfatórios, superando as metas projetadas pelo IDEB nas provas de 2007, 2009 e 2011 para o Ensino Fundamental II<sup>2</sup>. É uma das provas vivas de que essa mudança não só pode acontecer, mas já está acontecendo. A maior dificuldade encontrada nesse percurso é a falta de pessoas formadas dentro de um conceito libertário de ensino, tal fato, faz com que seja difícil a adaptação e aceitação 100% do projeto, não pelo conflito de ideias, mas pelo conflito de conceitos da sociedade na qual estamos inseridos que acabam fazendo parte intrínseca de nossa formação cidadã.

A solução para a falta de indivíduos para trabalhar com a pedagogia libertária é aumentarmos o número de escolas que trabalhem dentro desta perspectiva. Isto é, a educação libertária precisa ser expandida de forma que todas as crianças tenham direito e acesso à uma educação mais livre, mais efetiva e mais personalizada, e assim, a médio/longo prazo formaremos adultos, pais e educadores formados por essa nova escola o que extinguirá o principal problema percebido no projeto existente.

---

<sup>2</sup> Dados obtidos no site <http://ideb.inep.gov.br> acessado em 29 de novembro de 2015.



## REFERÊNCIAS

CARINI, Marcia. **Roteiros**. São Paulo, 11/05/2013. Disponível em: <http://amorimlima.org.br/> Acesso em: 17 de setembro de 2014.

EMEF Desembargador Amorim Lima. Disponível em: <http://amorimlima.org.br/> Acesso em: 17 de setembro de 2014.

FERREIRA, Lucio. **História**. São Paulo, 21/04/2011a. Disponível em: <http://amorimlima.org.br/> Acesso em: 17 de setembro de 2014.

FERREIRA, Lucio. **Projeto Político Pedagógico**. São Paulo, 26/04/2011b. Disponível em: <http://amorimlima.org.br/> Acesso em: 17 de setembro de 2014.

ILLICH, Ivan. **Sociedade sem Escolas**. 7ªed. Petrópolis: Vozes, 1985.

KASSIC, Neiva Beron & KASSIC, Clovis Nicanor. **A Contribuição do Pensamento Pedagógico Libertário para a História da Educação Brasileira**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2004.

SILVA, Antônio Ozaí da. **Maurício Tragtenberg e a pedagogia libertária**, São Paulo, v. 06, 1999. Disponível em: [http://www.pucsp.br/neils/downloads/v6\\_artigo\\_antonio.pdf](http://www.pucsp.br/neils/downloads/v6_artigo_antonio.pdf). Acesso em: 05/11/2015.

TRAGTENBERG, Maurício. **Sobre Educação, Política e Sindicalismo**. São Paulo: Editores Associados; Cortez, 1990, 2ª ed. (Coleção teoria e práticas sociais, vol.1)

SILVA, Antônio Ozaí da. **Pedagogia Libertária e Pedagogia Crítica**, Revista Espaço Acadêmico, nº 42, novembro de 2004 (mensal). Disponível em: [http://www.espacoacademico.com.br/042/42pc\\_critica.htm](http://www.espacoacademico.com.br/042/42pc_critica.htm). Acesso em: 29/11/2015.

Art.32 LDB, **Lei de Diretrizes e Bases**, Disponível em:  
<<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: 29/11/2015.

IDEB, **Índice de Desenvolvimento da Educação Básica**, Disponível em:  
<<http://ideb.inep.gov.br>>. Acesso em: 29/11/2015.

GALLO, Silvio. **Educação e Controle**, Revista Sinpro Cultura, ano XII, nº 23, caderno especial “Para Debater” julho de 1995. Disponível em:  
<<http://www.dantonmedrado.com.br/site/educacao-control-e-silvio-gallo/>>.  
Acesso em: 29/11/2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996 – Coleção Leitura.